

SEMANARIO HUMORISTICO



Direcção Literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX

ENTRE... VISTAS



vistas por um "águla"

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangolro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

GRANDE CONCURSO DE JULHO

PIM-PAM-PUM

RESULTADOS DA QUINTA SEMANA

Concorrentes com 20 pontos:

Rosa Maria, Guicha.

Concorrentes com 19 pontos:

Pimpão Altamira, Rucas, J. Fernandes Gama, Rodrigues Pinho, Vasco Amaro de S. e Silva da Costa.

Concorrentes com 18 pontos:

Lizé, Maria Julieta Pereira de Lima, Adriano Fernandes da Silva, Bichinha Gata, Francisco Moutinho, L. Baía.

Concorrentes com 17 pontos:

Evaristo Teixeira, Ruy Altamira, Maria Regina, Conceição Pereira de Lima (Serigaita), Dília Galo de Moncorvo, Maria R. Lopes, A. Martins, Maria Rosa Moreira, Maria Manuella, Zé Lopes, Fuinhas, Maria Alice, A. Lopes, Miramar, Miquinhas, Tercio dos Tercos.

Concorrentes com 16 pontos:

Maria Celeste, D. Trancredo, António Alves Barbozo, Miki, Nanachim, Tercio das Tercas, Charlot, Pum-Pam-Pim.

Concorrentes com 15 pontos:

Monteiro II, Domingos Ferreira da Silva, Francisco de Oliveira, Saxics 3.º, T. A. T. C., João Ninguém, Belsai Sucessora, Joaquim Mota, Amaral.

Concorrentes com 14 pontos:

Belmiro A. da Silva Pôrto, António Carneiro, Fê, António Baptista, Francisco Teixeira, Max., D. José, D. Quichote, D. Pilo, José Gil Pimentel, Sá Bichão, P. Daco, D. Lopi, Lamizé, Otter, Kikinho.

Concorrentes com 13 pontos:

Joreca, Aureo Amândio Martins, Maria Lígia Pereira, Frank Old, Maria Cristina Barros Queiroz, Arsenio, Horácio Ferreira, Artur de Almeida Barbosa Campos, W. X., Alcino, Calma Zé-Zé, Bellis, Frei Caneca, António Pinho.

Concorrentes com 12 pontos:

Sécoalho, Lafayette, José Ferreira Tavares, Juca, R. Andrade, Maria Helena Águas Neto, Adriano X. Nel, Gomes de Oliveira, Bucha e Estica, Rogério Vermelho, Joaquim Gonçalves Matias, Martoff e Strogoff, José de Carvalho, F. O. Ch., Altamiro Pinto de Abreu, Perdigota, Domingos Serqueira, Maria de Lima Reis, + ou, Pavao Real, Rosa Branca, Soé, Cândida Rosa Martins, Alvaro Moreira.

Concorrentes com 11 pontos:

Schippy, Rosa Ferreira da Silva, O homem que nunca Ri, João Tino, João Rodrigues P. Salvador, Rei dos Nabos, António Lopes, Gardina Couto, Manuel de Oliveira, Kateleb, Elma, Bastos de Oliveira, Maria de Jesus Vieira da Cunha, António Augusto, Marillis, Rei do Orco, Emilia da Silva, Zangorlipantas, Manuel da

Silva Guimarães, Luis Gomes da Silva, Fernando Coelho, Pirolito, Herculanio Ribeiro Felix, Só Darco, Manuel Aug. da Silva Vieira, Manuel André Ferreira da Cunha.

Concorrentes com 10 pontos:

Sepol, Flor de Liz, Luis de Oliveira Duarte, Moisés Pimenta da Costa, Manuel de Figueiredo, Octávia Maria, José de Oliveira, Maria Rodrigues, Tripeiro, Sou um burguês terrível, João Afonso Ratão, Zé Elias, Augusto dos Santos, Joaquim Gonçalves, Adelino Mendes Leal.

Concorrentes com 9 pontos:

Alexandrino Machado, Joaquim Teles Cabral, Margarida e Maria, Auto Marques, Eduardo Lobo de Avila, Francisco Augusto Ventura.

Concorrentes com 8 pontos:

António Castro, Joaquim Mesquita de Meneses, Faco, Elvira Rodrigues da Silva, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, José Rosas da Costa, José Amadeu Martins de Lima, Carlos Baptista, Luis Sarmiento, Fantasma Negro, Maria Isabel Ferreira da Cunha, Sempre Pronto.

Concorrentes com 7 pontos:

Delfim de Freitas, Joaquim da Silva Tino, Amâncio Peixoto, Manuel Tavares, Joaquim de Abreu.

Concorrentes com 6 pontos:

João Monteiro de Almeida.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:
R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Licatras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;
R. de Santa Catarina, 823 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5302; R. da Constituição, 1395;
Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2184; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-
doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Binharra, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 935; R. Anselmo Braan-
camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculanio, 44;
R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. S.ª-hora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida
Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Ausente do Pôrto desde o princípio do mês, não pude ver o Dr. Thara Bey, que provavelmente não é bey nem doutor. Estes indivíduos que de quando em quando surgem por aí, a fazer coisas maravilhosas perante um público que paga a sua entrada a tanto por cabeça — sejam ilusionistas, sejam faquires, sejam transmissores ou receptores do pensamento — julgam sempre indispensável o chamariz de um título adstrito ao seu nome. Os prestidigitadores alemães, por exemplo, são sempre Herr Doktor Qualquer Coisa. Os ilusionistas italianos são, pelo menos, condes. Os russos, príncipes caídos em desgraça. Os faquires indianos, rajás ou filhos de rajás. Se nasceram em França, fazem preceder o seu nome da designação de *Monsieur le Professeur*. Não admira, portanto, que o egípcio Thara, para ser nobre, se fizesse bey; e para ser illustre armasse em doutor.

Iria eu vê-lo se estivesse no Pôrto? Talvez. Porque o que eu aprecio nesta qualidade de homens não são os seus trabalhos, mas o deslante com que se apresentam. Causam-me uma impressão idêntica à dos políticos que na oposição estadeiam programas miríficos, prometendo o reinado de Astreia para quando fôrem governo. Com a diferença de que estes são ainda mais desavergonhados, porque se conservam no país e sujeitos a que, mais tarde, lhes atirem à cara a falta do cumprimento das suas promessas. Enquanto que Thara Bey já estará muito longe — e provavelmente usando outro chamadoiro — no dia em que os seus consultantes de agora se convencerem de que os seus vaticínios foram um lôgro.

Porque não sei se os senhores repararam no teor das respostas às consultas que lhe foram feitas em cartas particulares e a que o mágico vidente retorquiu por intermédio dos jornais.

Com pequenas excepções, Thara Bey prometeu a felicidade a tôda a gente, e portanto a alegria de viver. Isto num país de desgraçados e macambúzios e numa época em que a ventura e o bem-estar são maios raros que os diamantes negros. Dentro de meses, quando êsses iludidos reconhecerem que a sua vida continua nos mesmos carris e apresentando as mesmas cores, erguer-se-á um côro de maldições contra o doutor Thara. Mas Thara, a êsse tempo, estará na Checoeslováquia ou em qualquer república sul-americana, a intrujar o público. De Portugal — gastos já os contos de reis que de cá levou — não conservará sequer a lem-

brança da recepção esplêndida com que foi acolhido ao desembarcar em S. Bento. E não chegará mesmo a saber — embora tenha de isso a certeza prêvia — que as suas profecias foram palavras escritas sobre a arcia e um embuste descarado as fementidas esperanças que instilou em centenas de almas.

*
* *

Depois de isto tudo, depois de festejado Thara Bey pelo público e consentido pelas autoridades, como haverá coragem para prender e processar os muitos bruxos e bruxas que pelo país enxameiam? Afinal de contas, êles fazem o mesmo que o Doutor Thara Bey fez, só com muita mais ignorância e muito menos espectacularidade. Fazem, é certo, alguma coisa mais: tratam doenças. Thara declarou terminantemente, por meio da imprensa, que não admitia consultas sobre «enfermidades patológicas». Procedeu bem. A simples circunstância de empregar êste pleonasma prova que nada percebe de patologia. Mas está no mesmo caso — como tôda a gente — a respeito do futuro, que só a Deus pertence. De aqui infiro eu que, se não receitou, foi para que a policia se não metesse com êle. Era muito mais cômodo, e menos arriscado, limitar-se à predição do porvir.

*
* *

Deu três espectáculos com a casa à cunha, e largou a pregar em outra freguesia, com a carteira a abarrotar. Isto é que era essencial. Porque, para um homem que tão bem lê no futuro, o que mais interessa é o presente...

Os “Lusiadas” ilustrados

X

DR. BRITO CAMACHO



Não foge, mas espera confiado.

Canto 3.^o — L.

Marcial Jordão.

Balancete da semana

Com o quarto rodeio a Portugal
— em que hão-de alguns levar o seu quinau —
vai repetir-se, rude e colossal,
o duelo Trindade-Nicolau.

Quinhentas léguas sempre a pedalar,
em pisos ora bons ora cruéis,
só descansando para dormir
e meter gasolina... nos hotéis,
é coisa de arrasar!

Porém, — penso eu comigo —
coisa inda mais estranha
é que o trajecto inclua Tui e Vigo,
que pertencem à Espanha.

Mas, afinal, talvez tenha razão
quem marcou o trajecto desta vez.
Embora no poder de outra nação,
a Galiza é um cantinho português.

Do *Diário de Notícias*,
grande armazém de anuncios amorosos,
que fazem as delícias
dos leitores curiosos:

*Elvira. — Alegria carta. Fui estufa.
Parabéns calças. Saúdades. Beijos mil.
Teu Joaquim.*

Homem que foi estufa, não admira
que conserve calor p'ra amar assim
esta formosa Elvira,
que se mira e remira
no seu belo Joaquim.
Só o que eu não percebo é a subtil
razão por que, em situações tão falsas,
ao dar-lhe beijos mil
dá juntamente os parabéns às calças.
Que tem as calças com... o amor? Tem tanto
como um carro de bois o tem, enfim,
com um par de pilecas.
E a querer dar os parabéns, Joaquim
devia dá-los antes às cuecas.

O tanato de ferro oficial
— diz nas *receitas úteis* um jornal —
serve para fazer graxa a primor.
Aviso a todo o artista,
ou pretendente, ou noivo, ou jornalista,
que queira ser um bom engraxador.

Turiddu.

Um astrónomo americano, depois
de aturados estudos, em contempla-
ção demorada, sôbre o disco solar,
declara ter-lhe encontrado uma nova
mancha. E tão grande parece ser esta
que, reunidos alguns colegas em assem-
bleia magna, chegaram à conclusã-
do que o sol está... deshonrado.

Há dias, na Noruega, deu-se um
descarrilamento cujas conseqüências
foram o mais trágicas possíveis. Via-
java nesse combóio, num trem armado
em capela ardente, o cadáver de um
ricoço que ia ser enterrado em jazigo
de família, numa aldeola da região.

Do desastre saíram gravemente feridos
todos os passageiros, havendo
algumas mortes a lamentar. O único
vagão poupado pelo sinistro foi aquele
em que viajava o cadáver do ricoço.

E' caso para se dizer que o cadáver
ver foi o único que conseguiu sair
ileso de tal mortandade!

Chegaram há dias a Portugal
algumas dezenas de excursionistas
franceses que, por via aérea, se lem-
braram dar uma passeata até a
E' claro que, em paga do que
governo francês tem feito em favor
dos nossos vinhos, nós os recebemos
do braços abertos e espinha recurva,
oferecendo-lhes do nosso melhor *Porto*
que eles emborcaram, sem pestanejar,
até lhe tocarem com o dedo.

Aqui para nós, custa-nos a admitir
que êsses ferrenhos adeptos do *Be-
nyuls* fizessem o sacrificio de beber
áscoroso e para êles tão falsificado
Porto.

Coitados! Nós, na vida, sempre
somos obrigados a fazer cada sacrifi-
cio!...

Dr. Knox.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Visitem **ESPINHO**—Magnífico Casino

PROJECCOES DE BRAGA

"Um ar da minha graça", por José de Artimanha — Através das lentes dos Reporters Unidos

Mais um livro da autoria do Bibe de Identidade n.º 237:925 presente ao Sr. Heitor de Campos Monteiro.

Um Ar da Minha Graça, (aliás da graça dêle) repleto de graça, que de graça recebemos.

De graça, é um modo de dizer: para consegui-lo foi necessário desenhar o José de Artimanha, o que responde a bater o tacão na cidade Pôrto de cima abaixo e vice-versa; estas corridas ficam quasi tão dispendiosas como as ultimamente realizadas na Boa Vista. Note-se que também é preciso ver regularmente para o descobrir enterrado nas almofadas do Opel.

Um Ar da Minha Graça foi um ar lhe deu; já lá vai a primeira edição, aguarda-se a segunda, e os editores arriscam-se a ter de dar ainda mais duas ou três seguidas, como aconteceu com o *Tribunal dos Pequenos Delitos*.

E é muito bem feito; ninguém lhes manda tomar conta de obras de vulto como as do Heitor, cheinhas de piadas boas que produzem gargalhadas muitissimo sonoras sem o auxilio de aparelho especial, como acontece nos cinemas.

Este talentoso escritor humorístico, quando obra, obra com humor de 1.ª classe, graças a Deus, e ninguém tem nada com isso, nem mesmo os livreiros, a pesar-de terem muito papel em branco.

Um Ar da Minha Graça impõe-se em tudo e por tudo, a todos agrada, por mais arrevesado que seja o sexo, por mais tenra que seja a idade; para doentes hepáticos é um mimo em jeito e economia; não há figado que resista à cura, por mais iscado que se encontre.

Sob este aspecto, tal tem sido o sucesso dos livros de José de Artimanha que já se encontram inscritos nos receituários da medicina em substituição das Termas do Gerez.

Mas, independentemente das qua-

lidades terapêuticas, *Um Ar da Minha Graça*, pelo fino espirito que encerra, pela ironia graciosa que apresenta, é sobremaneira recomendável nos tempos sisudos que decorrem, em que todos choram num berreiro aflitivo, desde os meninos em camisa a pedir *mama* às *demoiselles* casadoiras já, que pretendem, a todo o transe, um caramelo, mesmo que não seja o verdadeiro *caramelo americano*.

Estas divagações, nossas, muitissimo nossas, que sejam para o autor, ou Heitor, simplesmente o produto da agradável leitura do seu livro, — não vá julgá-las à laia de crítica.

Não senhor: a êsse respeito — *Honny soit qui mal y pense* (não tomamos nada, muito obrigado) como disse algures um dos falecidos Reis da República Francesa ao deparar com a perfumada liga de certa e determinada titular... da pasta, não

OS MEUS BONECOS

VII

AMADEU SANTOS



Tardia mas sincera homenagem do caricaturista

sabemos bem se *Pampadour* se a trivial *Couraça*.

E como se trata duma dama do Paço e da Academia (embora de beleza) passamos a palavra ao Sr. Dr. Júlio Dantas; a esta história de ligas êle todo se liga, e nós nunca ligamos... o nome à pessoa.

*

José de Artimanha anuncia já uma nova produção do seu pujante humorismo — *Telha Nacional*.

Se esta sua obra não vier a público com brevidade, prepare-se o autor para acompanhar os tempos e as ideias.

O que é hoje *Telha Nacional* amanhã será *Telha Nacional-Sindicalista*. Abraçando-o, agradecem os seus

Reporters Unidos.

Décimas... relaxadas

A esquadriha italiana
Que voou a bom voar,
Foi novamente parar
Cheia de brio e ufana,
Na preterita semana
A' sua Itália adorada;
E foi ali aguardada
Com carinho e com amor,
Entre festas d'esplendor,
'Steve a Itália engalanada.

Aviadores promovidos
— Está bem, por que a meu ver
A gratidão é um dever —
E aos mesmos foram cedidos
Os crachás que eram devidos.
E' justo os fortes brindar,
Mas eu fico a matutar
Que só na vida é alguém
Quem anda por ai além
Com a cabeça no ar...

(Aveiro).

Olegna.

Dic.

Actualidades — Feixe de acontecimentos mais ou menos antigos.

Amante — Personagem francês duma película portuguesa.

Celibato — Estado precário ou rico.

Celulóide — Matéria que serve para fazer fitas e que proporciona incêndios interessantes.

Credulidade — Qualidade prima do espectador.

Ciclone — Tempestadezinha do Far-west.

Crítica — Opinião oficial destinado a provocar uma apreciação inversa entre os espectadores.

MARIA RITA — A mulher — Heitor.

O Coisa.

calçado de fama

Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

Carta a uma mulher sem moral

Caríssima Andaluza:

Faz hoje, exactamente, cinco anos que nos divorciamos. Fui encontrar-te, certo dia, nos braços sedutores do teu amante e expulsei-te da minha companhia e da minha casa, sem um único remorso. Eu bem sei que tu não tiveste grande culpa. Eras, como és ainda, formosíssima, e tinhas, como tens, dois olhos apaixonadamente negros e dois seios, da cor do leite, mais endiabradinhos que cabritos do monte... Eu deveria ter-te resguardado mais e ter sabido evitar-te a tentação. *Mea culpa*... Mas a verdade é que eu confiava totalmente no teu carácter, no pundonor que te deviam merecer os meus quilates de fidalgo e as minhas atenções de marido. Preferiste enganar-me, ridicularizar-me. Paciência! Não é para fazer-te recriminações que eu largo a minha *raquette* de *tennis* e pego na pena para escrever-te. Hoje, talvez porque me acostumei já à tua falta e porque, em boas contas, já lá vão, sobre ela, cinco compridos anos, não sinto, da tua ausência, senão a vaga saúde dos teus olhos. Pego na pena, decididamente, para te exprobrar o teu procedimento com o teu último amante, com o Simas. Soube, nesta doce praia de Espinho aonde estou, que vocês, esta tarde, foram encontrados, semi-ebrios, à bofetada um com outro... Fiquei assombrado! ; Tu, minha saudosa Andaluza, guerreando tão desalmadamente com um teu amante?!... ; Tu, que foste sempre uma mulher *feminina*, que tinhas a tóda a hora lágrimas nos olhos para afastar os meus ralhos, tão de pressa te esqueceste da tua fragilidade que não hesitaste em aplicar dois muros ao teu *gigolo*?

Vejo que te modificaste, Andaluza. Vejo que o teu sangue, desde que se familiarizou com os *whisky* e os *vermouth*, se pôs mais férvido que o do teu avô, o daquele teu avô que tinha bigodeiras atrevidas e uma espada gloriosa e enferrujada... Já sabes dar bofetadas, já sabes beber vinhos e licores, já sabes *boxar* com consciência... E isso é mau, Andaluza, é péssimo. Imagina lá que o Simas, que é um imbecil de calças mais digno de saias, se lembra de participar o caso ao D.legado. Não tinhas remédio, eras condenada. ; E que ridículo!...

Também me informaram que te apaixonaste pela Ruth, a mulher do José Marques, e que, ambas, fazeis figuras detestáveis. Quando me lembro, Andaluza, e te vejo, agora, talvez por seres divorciada e *cocotte* de mariolões, rebaixada e rebaixando o meu sexo, dá-me vontade de rir, às gargalhadas, e de te participar que já estou vingado. Porque tu, caríssima, lá por teres uns palmitos de cara apreciáveis e mostrares as pernas, a tóda a hora, na praia, és tão ridícula, como a tua antiga criada de quarto, já velhota e com a sua toleima de casadoira... E's apanhada a bater no teu amante: — ; que mais queres para se rirem de ti, para te chamarem o que és?!...

Não tentes desculpar-te: és uma caprichosa, uma tarada. ; Que necessidade tinhas em enganar-me? Apenas, a exigência da tua carne morena, assetinada como o veludo das rosas. ; Que necessidade tinhas tu em procurar novos amantes? ; Para qué te tornaste uma *cocotte* internacional, quasi?

Não por necessidade: — és rica. Tu levaste, após o nosso divórcio, metade dos meus grossos haveres.

Só o teu vício, o teu sangue, os teus dois seios floridos, te levaram para o delírio em que vives, para o *champagne* que tu pagas, com o meu dinheiro, aos élebos que tu beijas por curiosidade, para os tangos azues, rítmicos, dos bailes e das ceias-à-americana, e que te hão de levar, um dia, à primeira desilusão...

Escrevo-te esta carta por caridade, cré. Sou rico, como sabes, e campeão de *tennis*. Tenho tantas mulheres quantas as minhas tardes de *raquette*. Não é, pois, por ciúme que o faço. ; E que és tu, doce morena, para mim, senão a vaga recordação dos nossos noites? Estive em Paris, em Londres, em Berlim, e só hoje me lembrei de te escrever. Não minto se te

garantir que se não fossem as informações a que me referi, talvez me não lembrasse, sequer, de ti...

E's ainda nova. Aconselho-te, por isso, um novo amante. Mas escolhe-o forte, espadaúdo. Tu precisas, afinal, de fazer as pazes com o meu sexo. Os teus amantes foram todos mais femininos do que tu.

Diverte-te, Andaluza, com um que te faça gritar por socorro nas suas tardes de bebedeira. Que te quebre as costelas, se tanto preciso for, mas que te reconcilie com a vida lógica, portuguesa, da maridança vulgar. Tu verás: — perderás o vício dos perfumes desodorantes, deixarás de beber *whisky*, e talvez esqueças os mais fáceis

passos do teu tango afrodisíaco. Mas lucrará com a troca. Habituar-te-ias, talvez, à sensação de decadência, mas ela tirar-te-ia, depois, um doce refrigério moral.

Segue o meu conselho, Andaluza. Procura um homem e perdoa ao que te estima, *malgré tout*, e é o que foi teu:

Gil Vaz Júnior.

Posta restante

Ladino — Julgamos ter respondido já. Vejas seções.

Agá Eme — Agradecemos a lembrança absolutamente criteriosa. Tem sido real nente uma falta imperdoável. Qualquer dia começaremos. Obrigados também pelas boas palavras. Disponha.

PERFIS DO PORTO

XLVIII

JOSÉ DE CASTRO



Adónis-feito homem. Uma impecável caricatura.

DESCANSO SEMANAL

Um acopepe verdadeiramente nacional

:: :: Palavras de três divisas :: ::

Marte, o semanário dos sargentos, é um jornal como os outros que se publicam em Portugal.

Não consta a-pesar-disso que tenha sido multado várias vezes, nem que alguns dos seus redactores principais se tenha suicidado com um tiro de Mauser-Vergueiro.

Pois a-pesar-de tudo isso, insere coisas desta natureza:

Emancipação da mulher

NÓS E ELAS

(Continuação)

Nos lexicorismos, *altás*, prófogos, extravasam espículos e ignávios, enrolam desares e iludências, ageitam circunlocuções e inocências.

Sêcos, heróclitos e pávidos, a mulher, é-lhes fumo que se evola; cinza que se assopra, o nada que se olvida. Desleais, insanos e fedifragos, ela é para eles, onda que se esvai, catavento que se oxida, nuvem que se some.

Mefistofélicos, ignaros e aborridos, vêm nela — a tormenta que assola, o raio que fulmina, a inundação que devasta.

Os homens, joalham, heterorexias por desfastio, invidias por antagonismo, ferócias por malícia. Pulvilham, a mulher, de faguices e dígitos — para a causticarem; empecem-lhe a heantognos; e a omnipresença — para a empossarem; amaranham-lhe as translumbranças e delineamentos — para a obumbrarem.

Até aqui entretivemo-nos a sublinhar os palavrões estranhos, para que V. Ex.^o aquilatasse da excelsa prosa que *Marte* nos dá. D'oravante deixamos de ter este cuidado, porque quasi todas as palavras são de tal forma arresadas que basta lê-las para se ver que este *Teofrasto* de *Marte* anda mas é na Lua. Continuemos:

E por execração e alogia, segredam ostracismos, basejam apostasias, errabundam proscricções, rumorejam alobrogosismos, ensancham significas e desutilidades.

A intelecção da companhia do homem, tudo é multâneo, vidente e perfectível.

E se o judeu, pelo ouro e cuniculos, arranca até si — o fidalgo ou ditador, ela frivolisca os adversários, compelindo-os a anular admoestações, inscrevendo-lhes, exigências e aplicando-lhes sanções.

As ilicebras, sobrelevam os tranes ou cubustes masculinos; os seus aditos e ignoscências, hevculisam-se, logo que dela dependa um direito ou uma satisfação; a sua

paciência e despégo — são exemplos e emulações a seguirem-se — nos aparecimentos ferais e implexos.

Intemente nos amorios, improba nos sentimentos, dilucida no devenir, confesce, se, ha modo auri doce, um galanear vivo, uma endoestesia iguável.

A excosão, ocorre-lhe, vendo no sexo forte, espintrias e falsuras; as aquiescências, não traduzem quebras de brio; nas liberalidades, as impudicicias e neçedades, ignora-as.

O homem, esse, esculpe a mulher, carregando nos traços; azarra-lhe credos, gemidos e flamantes; os prextos e flosculos, miram a derrolá-la, à sua inocua obstença, atiram gestos e desagrados.

Ovante e insobrio, se as amalgamas lhe interessam; é deshorado e farçola, se o idear lhe é esourecido, se os concertos e ambivios, são focados, desendeiam patrinhas e delicadoces tagales.

Que se pode comparar aos ilapos e debitações da mulher? A inocência enclausura, os frenesins, penetram fundo no ser, os arfares algemam e as irradiações corforisam-se, sem que surjam saciedades ou discrepâncias.

A mulher é o Eldorado e a Ondina que culminam; as atitudes fragrantes, ungem-a; com a voz, embruxa-o; com as ondulações, jugula-o; com as inflações dengosas, erubescê-o; com o lucilar dos olhos, caldeia-o.

(Continuação)

Teofrasto.

Apre! Que isto nem é Padre António Vieira, nem o doutor Agostinho dos Campos! Acima disto, só um dicionário falante. Porque a gente lê (lê, se soubêr) tudo o que aí fica, e nem ao menos a acentuação sabe fazer!

E tudo isto vem no *Marte*, que é um jornal para sargentos. Pensem V. Ex.^o um bocado, e digam-nos o que será quando a prosa subir de posto... Nem o António-Ferro a compreenderia, e mais este é exímio em arredar dificuldades.

Há dias, o nosso *Jornal de Notícias* trazia esta notícia na sua célebre secção *Pelo Mundo*, que se pode considerar, sem favor, como a caixa de mentiras mais perfeita que há em Portugal. Felizmente para os seus redactores, nunca o piramidal nariz do seu director e nosso particular amigo sr. Anibal de Moraes se lá imiscuiu! Se não, caía Troia e alguma trolha. Vamos a ver:

O fenómeno da televisão

Uma grande descoberta

A televisão, a longa distancia, é hoje um facto. No laboratório de experiências dos *Telegrafos*, em Nova-York, ouviu-se e viu-se o ministro do Comércio em Washington. Viram-se perfeitamente os olhos a moverem-se e a rasgar um papel e abandonar o telefone.

O rosto e os encarcacolados cabelos loiros da gentil telefonista também foram tão visíveis como o ministro.

E ainda há quem diga que os poetas não tem razão quando pintam os olhos das mulheres como corvos sanguinários?!... Então estes, do ministro americano, não rasgavam o papel?... E como se tratava de um ministro do Comércio, o papel que eles rasgavam era com certeza papel comercial.

A *Mafra da Fonte*, da Póvoa de Lanhoso, que há tempos já apresentamos, torna a pôr a corneta na boca para nos insultar. E esta corneta, não é senão o tripeiro Mesquita Júnior, ajudante de campo do célebre general de sete sílabas sr. Garibaldi de Braga. Oportunamente comentaremos o prolixeo naco de caspa que este senhor, tirou da enlutada cabeça. Por hoje limitamo-nos a transcrever mais umas quadritas do formosíssimo vate de Esporões, que vinham publicadas no *Regional*, de S. João da Madeira.

Trovas

Não chores — chorar faz mal...
E as rizadas são intrigas...
— Que hei-de fazer; meu amor?
— Faz como as mais raparigas.

Chamas-te Rosa Maria
— Espinhos e santidade.
Es uma rosa, pra mim...
Es Maria pra o abade...

A minha vida é de pranto
— O chorar faz sempre bem...
Se canto, choram os tristes...
Se choro, não ri ninguém...

Esporões, Braga.

A. Garibaldi.

Como vêem, são de um sabor admirável. Não dizendo nada, não dizem nada mesmo. Um primor!... E já que ele fica com a impressão de que quando chora não ri ninguém, nós, de aqui, affiançamos-lhe que já o mesmo não sucede quando lhe dá para fazer versos.

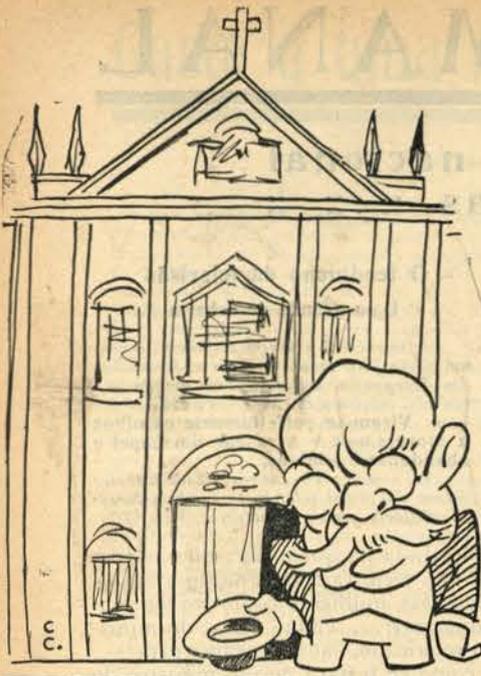
Para Pintar paredes

Use MURALINE

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

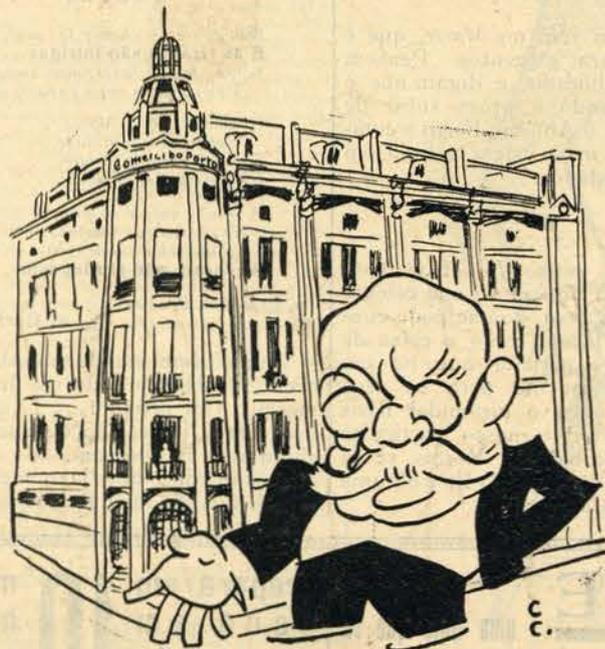
RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571



Economia dirigida... ao público

COMO se demonstra exuberantemente pela capa deste número da MARIA RITA, o nosso jornal foi escolhido pelo formidável jornalista sr. António Ferro para ser o porta-voz das congeminações nortenhãs em assuntos económicos.

Fa verdade é que já de há muito tempo andavamos de orelha murcha, ao pressentirmos que o Sul nos levava as lampas nesta coisa de meter dinheiro nos cofres. As massas correm de Norte a Sul; e as palavras voam de Sul a Norte. Isto não estava certo.



Economia aplicada

Mas... francamente: não nos ocorria um nome a quem solicitássemos um ar da sua sabedoria para dar aos nossos leitores.

Nunca lamentamos tanto a morte de Monteiro dos Santos! Lembrou-nos ainda o nome do sr. Marques Guedes ou o do Padre Bernardo, dos Congregados. Mas um, também já está muito inclinado para o Sul, e o outro era capaz de nos mandar à missa.

Foi por isso, com uma alegria dos demónios, que recebemos das mãos do nosso repórter internacional a entrevista que se segue, e que vem demonstrar á sobreposse que o Pôrto tem figuras de destaque no meio económico.

A pousada do Eremita

Diante do tapete de retalhos que a nossa primeira avenida nos apresenta, ergue-se a modestíssima morada do sr. Dr. Bento Carqueja. Uma sucessão de dez ou doze andares e no topo dêles um torreão em forma de sofisma. Finíssimas grades vedam as formidáveis entradas aos olhares profanos. Estas grades nos dias de calor costumam estar abertas, pelo menos

tanto como o cérebro do seu proprietário. Num dos aposentos luxuosos, encontro Sua Excelência que, nada mais tendo para me oferecer, me faculta a agradabilíssima lictura do «Lavrador».

Enquanto leio, o illustre entrevistado entretem-se a abrir e a fechar o cofre.

Entrando no assunto

Arrisco a medo: — Sabe V. Ex.ª os motivos por que o vim procurar? — Você é jornalista, não é verdade? Respondi que sim, e ouvi:

— Pois eu tenho o quadro completo. O Ribas e o Vasconcelos encham-me o jornal todo de asneiras. Não preciso de mais. Sorri-me, como não podia deixar de ser, diante de tamanha prespicácia, e continuei:

— Vim aqui propositadamente para dizer ao mundo, por intermédio da MARIA RITA, o que pensa V. Ex.ª do movimento económico mundial.

Ao ouvir isto, Sua Excelência fechou o cofre, desandou as rodelas das letras cuidadosamente, e veio sentar-se à sua mesa.

Depois de uns momentos de ensimesmamento, fitou o teto e assim falou:

O que pensa Sua Ex.ª

«A economia, como muito bem disse Prudhon, é a mãe de todas as necessidades. E hoje é um facto. Vê-se, apalpa-se, nota-se em tudo. Calcule que a verba das esmolos, que ocupava um lugar de destaque no orçamento do meu jornal, diminuiu estrondosamente. Levados por princípios bem dirigidos do alto, quasi ninguém dá nada. Quem dava 100 passou a dar só 10, e quem dava 10, seguindo a matemática, passou a dar só 0.»

Por outro lado a suspensão do pagamento dos juros da dívida pública brasileira também veio influir na crise que nos assola. Quem é que no momento actual se atreve a fazer uma viagem à terra de Coelho Neto? Ninguém!...

Chegado aqui, Sua Excelência fechou os olhos saudosamente, e ficou-se de-certo a sonhar em falso com a árve das patacas...

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é con-: tribuir para a sua expansão ::

O Pacto dos quatro — Suspensão do pagamento no Brasil — A sua recussão em Portugal

O pacto dos quatro

— E qual a sua opinião a respeito do Pacto dos Quatro? — perguntamos nós.

— Eu não conheço outros Quatro que devessem fazer um pacto senão os quatro diários portuenses. Já muitas vezes lhes tenho proposto que subissemos o preço dos jornais a 50 centavos e que, quando nos vissemos em apuros, largássemos para o Brasil a abrir uma subscrição. Mas qual! Não se faz nada de acôrdo. O Anibal puxa para um lado, o Marques Guedes para outro, o Seixas Júnior para outro, e eu para todos.

— Para todos, como?

— Para os quatro pontos cardiais. Conhece um quadro, parecido com uma estrêla, usado pelos marinheiros para marcarem a sua rota?

— A Rosa dos Bents, bem sei.

— Dos Ventos — emendou sua excelência, acentuando muito o V, com o ar superior de quem é sócio da Academia das Ciências. — Pois muito bem. Eu conheço esse quadro desde muito novo, desde que inicii o meu curso de navegador fluvial. E sempre gostei de estar voltado para o lado de onde sopra o vento. Por isso o meu jornal tem singrado com tôdas as brisas. Os outros, não são assim. Tanto pior para êles.

— Quer dizer que os Quatro...

— Serão sempre quatro, mas desunidos: 1 + 1 + 1 + 1.

— E o pacto?

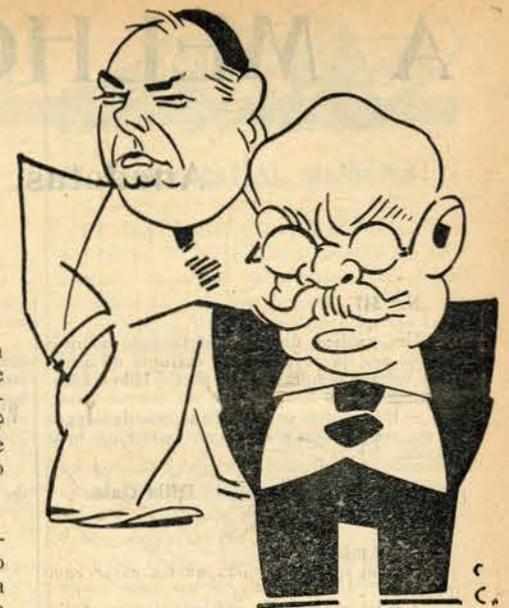
— O pato é representado pelo público, que nos compra a-pesar-de tudo.

O problema dos combustíveis

— E a respeito do problema dos combustíveis, que me diz vossa excelência?

— Que é um dos mais importantes e urge resolvê-lo. Como sabe, sai muito ouro do país em troca do carvão que entra. Ora um país que troca ouro por carvão, vê-se bem que não tem a cabeça no seu lugar. Para chegar a esta conclusão não é preciso saber, como eu sei de cór e saiteado, João Baptista Say. (É noutro tom:) Não sei se conheço o Say...

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta :: forma terá graça, de graça ::



Pois, meu amigo, o quadro está completo...

sobre a Invicta, poisando nas trazeiras das estátuas da avenida.

E nesta altura a silhueta impecável do Dr. Bento destaca-se maravilhosamente sobre o fundo azul do céu de Portugal. Serve-lhe de pedestal a altura do torreão. Um vento levíssimo vem acariciar o Dr. Bento, abraçá-lo, segredar-lhe designios. E o Dr. Bento sonha, como sonhou outrora o Infante D. Henrique no promontório de Sagres. Recuamos para não interromper o seu sonhar, já na inactividade, mas outra vez menino. Está agora sózinho a olhar a sua querida cidade. Sôzinho, não! Rodeia-o, abraça-o, sustenta-o o Comércio do Pôrto.



V. é jornalista?

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 69 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 337

N.º 347

Um médico distinto interrogado sobre o motivo por que à passagem defronte do cemitério voltava sempre o rosto para o lado oposto, respondeu:

— Receio que os que tenho mandado para lá me reconheçam e me façam passar um mau bocado.

Remetente: **Dília Galo.**

N.º 348

Entre mãe e filha:
— Com que então não queres casar com o Luís?

— Não, mamã! E' um incrédulo e até já afirmou que o inferno não existe.

— Deixa-o afirmar. Casa com ele e depois verás como nós ambas o faremos mudar de opinião.

Remetente: **Rei dos Nabos.**

N.º 349

Entre viúvos:
— Então como tem passado, D. Genoveva?
— Menos mal, sr. Panerácio, menos mal...
— Há tanto tempo que a não via. Diga-me, já se casou?

— Não senhor! Estou assim muito bem. Vou para onde quero, sem ter que pedir autorização ou dar satisfações. Posso mesmo estar com um pé em Lisboa e outro no Pôrto.

— Ah! Dona Genoveva! Quem me dera estar nessa altura no Entroncamento!

Remetente: **Liz.**

N.º 350

— Diga-me cá: isto de transmigração das almas terá fundamento? Você sente em si algum indício de em outros tempos ter sido outra coisa?

— Olé se sinto! Lembro-me muito bem de ter sido um grande burro.

— Ora essa! Quando?

— Quando lhe emprestei aqueles cem escudos que você me deve.

Remetente: **Inocente.**

N.º 351

Seguia eu pela Rua de Santa Catarina muito despreocupado e, olhando para o passeio fronteiro, vejo um indivíduo que, muito pálido, caía redondo no chão. Aproximo-me e quando chego junto dele, já uma mole de povo o cercava.

— Está morto? pergunto compadecida.

— Por enquanto não; esperamos a chegada do médico — responde um dos circunstantes.

Remetente: **Serigaita.**

N.º 352

— Mamã, o papá comprou algum canário?

— Não, meu filho. Porquê?

— E porque eu ouvi a criada dizer-lhe que não tinha erva que servisse para o canário dele.

Remetente: **Inocente.**

N.º 353

Entre um português e um galego, sempre irredonciliáveis:

O português — Da janela do meu quarto tenho uma vista linda.

O galego — E eu tenho duas.

Remetente: **Adriano X. Nel.**

N.º 354

Rebenta no teatro uma furiosa pateada quando de repente um espectador, cheio de entusiasmo, começa a dar palmas.

— Pois o senhor gosta da peça? perguntou-lhe alguém.

— Mas gosto da pateada, meu caro senhor!...

Remetente: **Ribeirinho.**

N.º 355

O patrão — Quando anunciaste a visita desta senhora, porque não disseste que era a minha sogra?

O criado — Porque eu não queria assustá-lo.

Remetente: **Alberto H. da Silva.**

N.º 356

Numa taberna entra um individuo e diz:

— Deite lá um quartilho.

— De qual! Branco ou tinto?

— Tanto faz. E' para vomitar.

Remetente: **Nalcefania.**

N.º 357

— Quando você caiu pela ribanceira abaixo com o burro que lhe aluguei, podia muito bem salvar-me da morte o animal.

— Nada disso! Mal pude salvar-me a mim, e lá diz o ditado: «morrer por morrer, morrer meu pai, que é mais velho...»

Remetente: **Alick.**

N.º 358

Entre amigos:

— Como conhecestes o teu segundo marido?

— Muito facilmente. Andava a passear com o primeiro, quando o segundo o atropelou com o seu automóvel.

Remetente: **A. H. da Silva.**

N.º 359

Na sala de espera duma estação de caminho de ferro, estava um vadio a dormir, pelo que foi interpelado por um empregado ferro-viário:

O empregado — Ouça, amigo, aqui não se pode estar; portanto, já pode ir tomar o fresco.

O vadio — Diga-me uma coisa, não é esta a sala de espera?

O empregado — Sim senhor.

O vadio — Nesse caso... como eu estou à espera que nasça o sol...

Remetente: **Capstang.**

N.º 360

Um mendigo estende a mão à caridade pública, dizendo lacrimoso:

— Dê-me uma esmolinha para matar a fome a oito filhos que estão à mingua.

Diz-lhe um malicioso (que lhe conhecia a vida):

— Você não tem oito filhos, tem cinco.

— Sim, tenho cinco, porque três morreram.

E o malicioso (com grande malícia):

— Como se chamam os mortos?

— Cadáveres, senhor, cadáveres.

Remetente: **Serigaita.**

N.º 361

Autêntica.

No Tribunal da Boa Hora compareceram, aqui há dias, para julgamento, duas mulheres que se tinham socado à valentona por um caso de ciúmes, ficando ferida, na dura briga, uma delas perto de delicado sítio.

A audiência do Tribunal corre tumultuosa porque se trava grande polémica entre as duas ciúmentas; e, sentindo-se o Juiz embaraçado em averiguar qual delas havia ficado ferida, pergunta:

— Mas qual de vocês foi que ficou ferida na refrega?

Ao que uma respondeu:

— Sabará V. Ex.^a, senhor doutor Juiz, que não foi na refrega. Foi entre o *embigo* e a *refrega*.

Remetente: **Agá Eme.**



— Venho pedir-lhe que me fie mais um kilo de café. Estava à espera de um dinheiro de África, mas não vem. Dizem que não há transferências...

— Ora essa, minha senhora! E' o que mais se vê por aí.

Subsídios para a história de Portugal

A tomada de Côrte do Pinto

— Em três capítulos, os quais serão prefaciados brevemente —

(Continuação)

CAPÍTULO III

No outro dia ao alvorecer, os clarins tocavam a marchar; todos corriam a tomar o seu lugar na forma.

De repente, a guarda avançada deu sinal de alarme. O tal sargento corre a tomar lugar ao lado do rei, para o socorrer no que fosse preciso. Mas sua Majestade engrossando a voz e arregando as mangas, diz: — aqui não habita o medo, e empunhando a pistola na mão direita com a outra tirou da alzebeira do colete o óculo de grande alcance, companheiro inseparável da caneta de tinta permanente e assestou-o na direcção indicada.

Decorridos uns segundos, voltou-se e disse para os haverá? — Efectivamente não tardou que se avistasse lá ao longe, um vulto branco, cavalgando a tóda a velocidade na direcção do que nós conhecemos admiravelmente pelas fotografias daquele tempo, no cano da espingarda-metralhadora, trasia atado o lenço de assoar, sinal de paz decorrem mais uns minutos, por fim envolto numa nuvem de pó, o cavaleiro inimigo parou a alguns metros de distância.

O sargento inseparável de sua Majestade, perguntou então em voz de trovão: Que reis? Falai.

— Em nome do meu rei o senhor... Fulano de tal (do nome não reza a Biolia, talvez por esquecimento do cavalheiro que a fez) vos venho avisar de que suspendeis a marcha sobre a nossa praça.

— Nós temos conhecimento do número dos

vossos soldados, do armamento que possuis e... acé do dia em que saíram da capital do vosso reino e, (aqui para nós, se não fosse o atraso dos comboios, já nós mouros estávamos na costa).

Ao ouvir todos os detalhes da sua viagem assim descobertos pelo inimigo, não se pode conter: — Puxa novamente da pistola, saca do enorme espadalhão e grita para o mouro: Onde está o traidor? — Quero saber quem é; morrerá na cadeira eléctrica que mandei vir da América.

— Descansai V. Majestade, aqui não há traição, ninguém nos avisou. Se sabemos tudo o que acabo de narrar, é com o auxilio da televisão.

D. Afonso Henriques dá uma palmada na testa e dia por entre uma gargalhada; — Não me lembrava desta lita homem, desculpe.

— Diga lá então o que mais quer da minha pessoa?

— Vinha também diservos que lhes entregáremos a cidade, sem resistência porque não nos chega o tempo para aturarmos a neura do vosso vizinho Afonso aqui do lado.

O rei então, mande servir um pórtio de honra, em honra de uma vitória sem sangue.

Era sócio fundador da Sociedade Protectora dos Animais e, por esse facto poucas vezes gostava de moleja.

São decorridas umas horas, e nas altas torres e simbórios, eos palácios dá Côrte do Pinto, flutua a bandeira das quinias, da velha Lusitania.



Ai, mulheres! Ai, mulheres!...

Cenário pre-histórico. Idade da pedra... por lascrar. A' porta de uma caverna, um casal humano, em trajes paradisíacos, vai catando parasitas nos pelos um do outro.

O HOMEM, de corpo peludo como um tapete persa, esmagando com todo o carinho, entre as unhas crescidas, parasitas que estalam — Os teus desejos são ordens. Até hoje, quasi todos tenho adivinhado!

A MULHER, que lhe vai passando uma vis-toria real a um dos bens tufados sovacos — Quem diz o contrário, meu bruto? Na verdade, até hoje, nunca te pedi nada que tu me não desses imediatamente!

(Ao fundo, como uma visão de pesadelo, passa uma enorme besta de garras e dentes descomunais. Leva pendente da bocarra húmida um urso de dimensões respeitáveis).

A MULHER, vendo a besta pre-histórica, cuja pele malhada lhe começa a despertar cobiças — Ai, meu bruto! Como eu gosto de aquela pele! Vai-ma buscar! Bem sabes que meia braça me chega e sobra para fazer um bolero!

Dr. Knox.

Cancioneiro Mariarrítico

Canta, canta, passarinho,
P'ra te esqueceres que estás preso.
Eu também canto o fadinho
P'ra me esquecer que estou «têso!»

Todo o pinheiro dá pinhas,
Tóda a pinha dá pinhões,
Quem me dera, Marquinhas,
Também dar-te beliscões.

Tua boca, minha amada,
E uma espingarda certaíra.
Deixou de tiros crivada
A minha pobre carteira!

O vinho faz ter ideias,
A cebola faz chorar.
E o cheiro das minhas meias
Faz tóda a gente espirrar.

Andas de luto pesado
Por a tua sogra morrer!
Eu trajarei de encarnado
Se a tua sorte tiver.

Olegna.

Ditados

«Quem serve ao comum
Não serve a nenhum»
Diz certo ditado;
Será acertado?

A dar-lhe razão
Vem este rifão:

«Serve antes ao nobre
Ainda que pobre
Que tempo virá
E te pagará»

.....
Por mim não protesto,
Nem, mesmo, contesto
Tais afirmações,
Por certas razões
Que lhes vou mostrar,
Que passo a contar:

A quem me procura
Sirvo, dando cura;
Ou, se há pouca sorte
Sirvo dando a morte!
Presto alguns favores
A ricos doutores;
Dos pobres não troço
E dou-lhes, se posso,
Remédio ou receita,
Que cure a maleita.

Como em Portugal,
Por bem, ou por mal,
Deixou de haver nobres,
Quer ricos quer pobres,
Venho perguntar:
Pode-se aplicar
Ainda o rifão?
Parece que não!...

A's vezes, de graça,
Eu trato um talassa.
Noutra ocasião,
Trato um vermelhão
Sem ganhar vintém
Curando-o bem.
Mas, tempos passados,
Depois de curados
Embora de graça,
(Como o tempo passa)
A lembrança foi-se
E lá vem um coice
De agradecimento...
Nunca me lamento!...
Aparei alguns;
Se eram de comuns
Não lhes sei dizer,
Mas deviam ser
Por que em Portugal
Existe, afinal,
Tenho a certeza,
Ainda nobreza
A do coração.
Não terei razão?!

Dr. Pretito.

BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR

“Maria Rita” nas plagas e ter- mas nortenhas

Editorial

A gente às vezes chega a pensar que saiu a sorte grande à nossa MARIA RITA. Se assim não fôsse, como seria possível mandar emissários a tóda a parte, inclusive, hospedá-los nos melhores hotéis, vesti-los nos mais afamados alfaiates e calçá-los nos chapeleiros mais estilizados?

E ela mesma, não se mexe para todos os locais, todos os jantares intimos, tódas as ceias por mais arrapazadas? Calça do Pessoa, veste do Ramos Pais e enchapela-se da Filomena Cardoso. Tem joias falsas como tóda a dama nobre que se preza, manicura-se no Belo, desencana-se no Viana, e, ultimamente, comprou um fato de banho na Central. E' um vistoso *maillot* às riscas de tódas as cores para não susceptibilizar ninguém, e cada vez está mais curto porque tódas as semanas lhe cortam uns bocados.

Faz picadeiros na Foz, na Avenida Brasil, e é catrapiscada de vez em quando pelo Adonis José de Castro, o inseparável companheiro do Dr. Pinto Osório.

Além disto vai a muitas outras partes. E hoje vamos vê-la nas diversas praias cá do Norte.

Começamos por Matozinhos.

Matozinhos “sur ligne”

Nesta, como nas restantes praias do país, há muitos pares de manas. Não sei se já repararam que quasi todos os papás não usam só uma filha. E quanto menos houver que lhe dotar mais manas aparecem. Pois em Matozinhos há um rór de pares desta natureza, quando se não dá o caso de ser logo aos pares de pares.

Os baloiços das crianças ainda são os mesmos do tempo do Pinguinhas, êsse denodado, caluniado e esforçado inventor do mergulho ao natural. As cordas dêstes divertimentos teem mais nós do que uma nogueira neste tempo.

No entanto a praia, continua na mesma, como há 25 anos, data em que

tomávamos banho abertamente resguardados do frio, e as senhoras, Nossa Senhora!... pareciam sacas de coar café com leite.

Leça da Palmeira

Esta é a praia do sr. Conde. Tem um *bar* logo à descida das escadas, com tudo quanto é necessário para se não dar mais um passo. Não é sr. Conde?

O mar vê-se ao longe e chega bem. Já há pijamas, *maillots* atrevidos, bocadinhos de se lhe tirar o chapéu e o resto da indumentária.

Muitos rochedos, muitas lapas, alguns caranguejos e abundância de berbigão. Quando há nevoeiro berra a *cabra* que ninguém a atura. Quando não há, o farol da Boa Nova, com as suas intermitências, descobre algumas coisas de estalo. Faz parte, como Matozinhos, da cidade de Leixões, e quer ter jôgo à viva fôrça.

Perafita, Angeiras e Mindelo

Não pudemos lá ir porque não há estradas. Estamos à espera que se construa a avenida da beira-mar, que há de ligar Leça à Póvoa, para depois nos pronunciarmos convenientemente. E' favor telefonarem-nos logo que fôr dada à exploração.

Vila do Conde

Está agora em festa e não se pode ver convenientemente. Anda acirrada com a Póvoa porque esta última tem mais três procissões por ano. Quem vai daqui e atravessa a ponte, depara logo com o formidável Hotel da Regeneração. O outro Grande Hotel deve estar um pouco atralhado com a cena da Companhia do Norte.

A praia desta terra, é chique, é nobre, é tradicional; mas também se vêem lá as pernas muito razoavelmente.

Vizela

Estas magníficas termas, que vivem ainda do reclame que lhe fizeram os romanos, estão êste ano muitíssimo animadas.

Tódas as noites, os banhistas teem o direito de vir tomar o fresco para a rua do Dr. Abilio Tôrres, e lá de vez em quando podem assistir ao formidável espectáculo de ver passar os bombeiros. Esta diversão é dia sim dia não. Também usufrue o direito de ser ferrado pelas môscas.

Além disso, e de longe em longe, também há pic-nics animadíssimos, como se prova com a noticia abaixo que recortamos do *Jornal de Noticias*, e que foi escrita pela famosa pena do seu correspondente naquelas termas:

Em Vizela

Um pic-nic elegante

VIZELA, 17 — pelo telefone — Na quinta do sr. Conde de Fijão realizou-se, hoje um brilhantissimo pic-nic o qual foi abrilhantado pela banda da oficina de S. José, de Braga, e a que assistiram dezenas de cavalheiros e senhoras hóspedes do Hotel Universal.

A festa que foi organizada pelo snr. Francisco Felix director da Empreza Textil da Cuca, revestiu-se de invulgar animação, onde não faltou a nota elegante.

Dezenas de aquistas tomaram parte no passeio.

Dançou-se animadamente e o «flirt» foi usado com frequencia.

Tanto a ida como a volta foi feita em automoveis e gericos, o que por ser tipico despertou a curiosidade dos transeuntes — C.

Que beleza! Esta gente do comando do nosso amigo Félix da Cuca, até descobriu uma dansa nova: O *Flirt*. Mas o que valeu para realçar a festa foram os jericos. De contrário aquilo tudo, onde não faltou a nota elegante (deve ser a de conto de reis) seria uma formidável semsaboria.

Sabemos de fonte segura que o grande Félix foi muito cumprimentado em vista do sucesso obtido, havendo até criaturas como o Ricon Perez, que não hesitaram em gastar 10 escudos em telegramas para cumprir êste admirável dever.

E pensar a gente que êste chorlilho de asneiras foi escrito pelo telefone. Apetece pedir ao progresso que não ande mais.

Todos os viajantes tem a mania de descrever os seus passos em terra alheia. Nós, pelo contrário, escrevemos sobre a nossa, que não é só o Porto, mas Portugal inteiro. Neste caso, uma palavra é sinónima da outra. Ambas principiam pela mesma inicial, e, de mais a mais, de caixa alta. Assim mesmo, meus senhores.

Comparado com o nosso entusiasmo, na hora da partida, só a do nosso maior e antepassado, o Infante D. Pedro, quando iniciou a sua viagem, célebre e celebrada, vai para cinco séculos, às sete partidas do mundo.

A nossa partida São cinco da manhã. Tudo a postos. Desde o Pai Faria até ao Rodrigues. E' de admirar a pontualidade deste último, por ser costume entrar antes da hora. O motor do nosso terraplano ronca tanto, que nos dá a impressão de ouvirmos o ressonar do Oliveira, durante os espetáculos no «Sá da Bandeira».

Há ditos e facécias e o carro marcha direito ao longínquo... S. João da Madeira, onde nos larga, à porta duma gentil hospedeira. Toma-se café e come-se manteiga com pão, para lubrificar o aparelho digestivo.

E agora, meus senhores e minhas senhoras, preparem-se para ler mirabolâncias.

O que nós vimos Oliveira de Aze-
meis. *La Sallet*.
Muito lindo, sim
senhor, mas sem
um sorriso de mu-

lher a animar aquele quadro gracioso. Não admira. Ainda não eram sete horas e a feira estava no auge. Havia de tudo. Desde as mulheres de todos os tamanhos e feitios, até às bestas, ao fundo da praça, de focinhos voltados para a parede com vergonha, tal qual o saudoso vate *Elmano Sadino*.

O melhor de tudo, e que nos surpreendeu, foi que, a meio da praça, estava um gracioso pimpolho de bronze, prantado num *sóquinho* de pedra. Mal *acomparado*, lembramo-nos dos Pilatos. E olhem que, se não são irmãos, são primos com certeza. A única diferença que há entre eles é a cor. Os de cá são dourados e o de lá é negro como um tição. O resto está certo, até o que lhes deu o apelido.

A beira da linha do Vouga, entre Macinhata e Travanca, vimos também um autêntico Pilatos, em carne e osso, só com um trapinho de camisa a cobrir-lhe os ombros e um quasi nada do tronco, que nos acenou com um papel de origem duvidosa.

Em Coimbra A's nove e meia, dávamos entrada na Lusa Ate-
nas. A primeira visita foi ao hotel para marcar a
hora do almoço. Em seguida, quatro representa-
ntes nossos subiram as escadas da *Gazeta de Coimbra*, onde foram gen-
tilmente recebidos pelo senhor Arróbas que tem um físico que se
impõe e justifica o apelido.

Antes de subirmos à parte alta da cidade, entramos na igreja de Santa Cruz, onde um padre de grande uniforme e voz potente, pregava aos fiéis. A atenção era tanta, que um dos homens presentes dormia por trás dum banco, próximo da pia baptismal. Mas isto foi um pequeno incidente notado apenas pelo cronista e, portanto, sem consequências de maior para a fé católica.

Coimbra é bonita. Tem muitos atractivos dignos de ver-se, mas a porcaria, em certas ruas, é demasiada.

O povo coimbrão é tão gentil que todas as mulheres nos sorriam com carinho. E então, era cada uma de se lhes tirar o chapéu se não

Terras da nossa Terra

O PRAZER DE VIAJAR

Do Porto para fora.
Comer e beber. O que
nós vimos e ouvimos.

Era de apreciar como elas voltavam a cara de lado, ruborizadas.

E agora, meus senhores e minhas senhoras, se nunca viram a Biblioteca da Universidade, fazem favor de nos acompanhar. Entrem, que não pagam nada. Somos recebidos por um empregado solícito, oriundo de Lamego. Como os anteriores, é duma delicadeza a toda a prova, franqueando-nos todas as dependências e dando-nos os esclarecimentos necessários à compreensão do que vimos, o que desculpava o tom declamatório e as atitudes de actor, nos requebros proventura estudados ao espelho. Apreciada em conjunto, esta visita foi a mais interessante; e, por isso, fomos sentar-nos à mesa do hotel. Ai é que foi, meus senhores e minhas senhoras. Comeu-se e bebeu-se à tripa-forra. Houve brindes inflamados. O Mondego, perto, quasi se sumiu de comoeção.

Buçaco - Luso - Jantar

Três horas da tarde. Eis-nos a caminho do Buçaco. O nosso terraplano, transformado em galga-montanhas, um passarinho *avoa*, *avoa*. O entusiasmo era o mesmo, e a disposição inultrapassável. Tiram-se as primeiras fotos. Há chalaças picantes, apimentadas. Salvo o devido respeito, nós apreciamos as numerosas inscrições apostas na Cruz Alta, duma forma hilariante. A parte a pressa da velhada, os novos seguem vagarosos e dão com um par de *peçoas* em atitudes equívocas, na rampa que dá entrada à mata. Quasi se ia vendo o Monte de Vénus e o marco da reprodução.

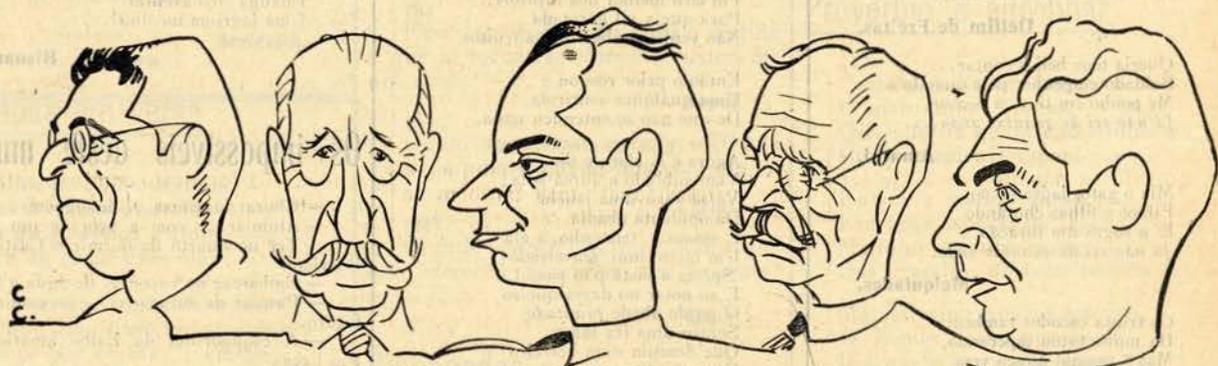
A visita ao Convento da Cortiça assombrava-nos pela ingenuidade das figuras do presépio. Algumas são dum cómico irresistível, e a ignorância do cicerone é manifesta. Teve esta expressão, referindo-se à morte da Virgem: — Há quem diga! Uns dizem que morreu, outros dizem que não!...

Fonte Fria, mais retratos, e segue-se abaixo ao Luso. No Hotel dos Banhos, marca-se a hora do jantar. Entretanto vamos ver o Balneário e, na piscina, tivemos ensejo de apreciar dois peixes de carnação rosada, fora da água, mas que, dentro dela, nos fazem lembrar a *Afrodite*, de *As Mulheres e as Cidades*, do nosso compincha Augusto de Castro.

Muita gente no Luso e muitas mulheres bonitas. A's dezanoove horas abancamos. Somos servidos por dois grandes senhores que, a avialar pelas vestes negras, devem estar de luto pelas respectivas sogras.

A's vinte-e-uma horas, demos connosco na Curia que, por ser de noite, não pudemos apreciar devidamente.

Notas Durante a digressão, tivemos tempo de apontar as seguintes notas: — O Oliveira, ao almoço, só teve batatas e batatinhas. O lombo viu-o nos pratos dos outros. — O José queria o doce mais grossinho e o sorvete quente. Com ele frio, perdia os poucos dentes que lhe restam dos 32 que Deus lhe deu. — O Sá, zangou-se com o José por não lhe comprar as arrufadas. E teve razão. Não era coisa que se fizesse. — O Almeida embicou com as linhas do caminho de ferro. Daí o dizerem todos: «Oh! Almeida! Olha a linha!». — O Bonifácio, ao jantar, só bebeu cerveja, a ver se lhe caía o resto do cabelo. — O Silva queria vinho verde ao jantar, mas ficou teso e teve de contentar-se com o maduro. — Durante a viagem de regresso, um terceto orfeónico deliciou-nos com modinhas populares e trechos clássicos, entré eles a célebre *Retirada*... — Destacou-se, também, pelo magnífico timbre da sua voz, o *ultra-baixo* Sá, que nos pareceu ter o diabo no corpo.



Da esquerda para a direita: Oliveira, Pai Faria, Miranda, Sequeira, Rodrigues.

fôssemos em cabelo, como é moda, muito usada na terra, onde vimos grande número de deschapelados.

As visitas aos museus de Anatomia e Zoologia fêz-se de corrida, mas foi o bastante para notarmos, no primeiro o enleamento de algumas senhoras presentes, quando o cicerone nos explicava algumas minudências de certas peças anatómicas.

— O Reis, durante a viagem de regresso, regalou-se de dormir, só acordando na Praça da Batalha. — A' saída da ponte de D. Luís I o Almeida, dizendo as horas, perorou: «são 11 e meia, mas são menos vinte para a meia noite». — O Pai Faria, foi o mais apressado em sair da Universidade. Por causa dele, tivemos de ver tudo a correr.

Ponto final, e até ao ano. — **Barnabé II.**

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

A-pesar-de ser cegueta
Sei mirar de quando em quando
Mas se perder a luneta
Já não sei às quantas ando.

recebemos mais as seguintes quadras:

— Uma estiolinha p'ra mim.
Diz-me uma voz de comando.
— Com este mundo assim.
Já não sei às quantas ando.

Pim-Pam-Pum.

— Mandar em mim ninguém logra,
— Em casa sou eu que mando...
— De repente vem a sogra,
.. Já não sei às quantas ando.

R. L.

...E à meia noite meu amor
Saltei o muro. Brincando
Parti o despertador.
— Já não sei às quantas ando!

Rutra Luar.

P'ra uma mulher não vulgar,
Que eu beijo de quando em quando,
Trago a cabeça no ar,
Já não sei às quantas ando.

Zangorlipanfas.

P'ra algum prémio apanhar
Passo o tempo glosando
Mas de tanto matutar
Já não sei às quantas ando.

Só Darco.

Estes calores insofridos
Que me vão arrelampando,
Põe-me os miolos cozidos...
Já não sei às quantas ando.

Nalcefafir.

Ao ver as «mecas» pintadas
Sempre alegres saltitando...
Dão-me cá umas guinadas,
Já não sei às quantas ando.

Delfim de Freitas.

Queria teus beijos contar...
Baldado empenho, pois quando
Me ponho em ti... a pensar,
Já não sei às quantas ando!...

Amaral.

Mia o gato, ladra o cão
Filhos e filhas chorando
E' a sogra um furacão
Já não sei às quantas ando.

Melquiades.

Os trinta escudos também
Há muito estou esperando,
Mas o prémio nunca vem
Já não sei às quantas ando.

E. S.

Ora vives bem comigo
Ora mal de vez em quando,
Que eu para viver contigo
Já não sei às quantas ando.

Elmano Siamor.

Meu compadre guarda-freio
Há dias me disse: — «Quando
MARIA RITA não leio
Já não sei às quantas ando».

L. A. Dino.

— E's um micas, um varunca!
Não tens vergonha, Fernando?
— S'Ela ergue a mão adunca
Já não sei às quantas ando!

Ladino.

E agora toca a glosar está:

.....

Mais cedo não pude vir.

.....

O prémio de 20\$00 foi atribuído à quadra de Melquiades por ser a mais engraçada. Não há distribuição do 1.º prémio.

O melro, o Fiel e o padre

Cena bucólico-trágica

Vem rompendo a madrugada:
Montado num damasqueiro,
O rechonchudo prior
Tem a espingarda aperrada;
Nos olhos 'stranho fulgor,
Rictus amargo na face;
Vai 'spiando a palissada,
P'ra que ninguém por lá passe.
Mas nisto um rumor ligeiro
Chega até ao seu ouvido,
Que se mantém apurado:
E' Fiel, o bom rafeiro,
Muito negro e luzidio,
Que, olhando p'ra o damasqueiro,
Viu o prior lá montado;
Solta um alegre assobio
E, como é bem educado,
Não conhecendo o rancor,
Pia muito prazenteiro:
— Bom dia, senhor prior...
— Bom dia, ó Guerra Junqueiro...
Rosnou, em tom desprezivo,
O fero e rotundo abade.
— Quem foi que te autorizou
A transportar aquela grade?
Fiel levanta uma pata
E assobia mui ligeiro:
— Não vale ser agressivo!
Modere o modo grosseiro
Com que a miude me trata...
Se aqui entrei, se aqui estou,
Foi co'o melhor dos intuitos:
Para que a vil garotada
Não venha roubar-lhe os frutos.

Então o prior rosnou
Uma qualquer asneirola,
De que não se entendeu nada.

Agora é já claro o dia,
Vem subindo a áurea bola;
Vê-se abrir uma jancla
Da opulenta abadia
E assomar, tristonho, a ela
Um melro mui 'scaveirado;
'Spraia a vista p'lo passal,
E ao notar no damasqueiro
O gordo abade *prantado*,
Sentiu uma ira tal,
Que desatou num berreiro
Enorme, desesperado:
— Já te dou cabo dos cascos,
O' rotundo tonsurado,
Que só me dás arrelia!
E depois, o tom mudando:
— Mas porque é que Deus faria
Os padres, mais os damascos?!
E, lesto, à rua saltando,
Correu direito ao prior,
E os pés lhe catrafilando,

Pregou com êle no chão;
A rosar já co'o estertor,
Quis pregar inda um sermão...
E assim acabou seu fado
O rechonchudo prior!!

O Fiel, desesperado,
Ainda lhe quis valer,
Abrindo as retintas asas,
P'ra nelas o receber.
Porém, o melro, o tunante,
Os olhos quais rubras brasas,
E rigidez no sembante
De aspecto desagradável,
Como um novo Condestável,
Berra com voz retumbante:
— Anda p'ra trás, miserável!...
Se queres p'ra ali passar,
Tens primeiro que pisar
O meu futuro *cadável*!!

Vendo o melro assim teimoso,
O pobre Fiel cedeu;
Espirrou... tossiu, tremeu
E ficou silencioso.
Mas 'tava tão desgostoso,
Que de novo o corpo ergueu,
Porque a mágia que o venceu
Fá-lo piar lamentoso...
E a rebolar no restólho,
A caminho do quintal,
Enxuga co'o avental
Uma lágrima no ólho!...

Bisnau.

Os impossíveis deste mundo

- Chorar lágrimas... de foguete.
- Alumiar... com a vela de um barco.
- Ter no quarto de dormir o Castiçal da Boavista.
- Embarcar no vapor... de água a ferver.
- Passar de automóvel... no caminho do futuro.
- A esquadrilha de Balbo amarizar no Rio Leça.
- O Niassa passar sob a ponte D. Luís I.
- Fazer «lavagem» para os porcos com Rolão... Preto, porque êles não a comem.
- Tocar guitarra... com cordas de gramofone.
- Partir uma costela... das Costas de Africa.
- Fazer a vedação de uma quinta... com pedras de isqueiro.

Rutra Luar.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 22

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

26 DE AGOSTO DE 1933

QUADRO DE HONRA

OTTER

Decifrações do n.º 20 — 1) Trataruga, 2) Curasão, 3) Taresa, 4) Framaçã, 5) Arremeti, 6) Scitil, 7) Açocre, 8) Barbulha, 9) Casia, 10) Cãosorte, 11) Cãoverso, 12) Herança, Heça; 13) Revolve, revê; 14) Congaro, 15) Melansiga, 16) Que grande paródia!, 17) Condeixa-a-Nova, 18) Quem portia, mata caça.

Decifrações: Otter, 18; Horaciano, 17; Reirobi, 17; Otopavlis, 16; Rei do Orco, 16; Sô Darco, 13; Tripeiro, 11; Feirante, 10; Fantasma Negro, 9; Monteiro II, 9.

◆◆◆

Enigma em verso

(Retribuindo ao Rei do Orco)

(1)
Aqui venho agradecer,
Vossa oferta camarada,
E pedir — podendo ser —
Me resolva esta embrulhada:

Usa-me sempre a mulher,
Feliz, plena de alegria,
Usa-me, creia, quem quer
De noite ou à luz do dia.

Muito friorento eu sou,
Portanto, fujo ao inverno.
Em Junho e Julho estou,
Num convívio bem fraterno.

E assim vou passando a vida,
Entre a feliz multidão,
Que sempre me dá guarida,
Com grande satisfação!

◆◆◆ Serigaita.

Charadas em verso

(2)
A filha do «Zé» Mateus,
Uma formosa donzela
Fêz uma *súplica* a Deus, — 2
Para eu casar com ela.

Sei bem que gosta de mim,
Porque um *ósculo* me quis dar; — 2
Mas cá por coisas... emfim,
Eu tive que recusar.

Tu vais ficar a saber
Porque foi MARIA RITA:
— Tive nojo por lhe ver,
Um *insecto parasita*!

Sepol.

(Retribuindo a Sepol)

(3)
Agradeço penhorada,
O vosso chi-coração, — 1
Sentindo-me deslumbrada,
Com tão magna distinção.

Quisera que uma rajada,
De estro e imaginação
Brotasse qual alvorada, — 1
Aclarando-me a razão.

Para nuns versos de escol
Poder exalçar Sepol,
Vossa rara subtileza;

Mas vejo-me atrapalhada,
Com *tamanha emaranhada*,
P'ra conseguir tal proeza!

◆◆◆ Serigaita.

Novíssimas

(4)
Estes «homens» de S. Tiago, tive-
ram um *acto heroico* que me deixou
contente! — 1-1-2.

Kiçai.

(5)
Teem mau *aspecto*, os homens desta
terra, que trabalham nas *embarcações*.
— 2, 2.

Dília Galo.

(6)
Grande *animal!* Pegas nesse *ins-*
trumento para revolver a *sépultura?*!...
— 1, 1.

Fantasma Negro.

(7)
Qual é a *história* que *corre* no
almanaque? — 1, 2, 2.

Serigaita.

(8)
Esse *laço* que te dei para o vestido
e que te torna tão *distinta*, custou-me
um *conto!* — 1, 2.

Sepol.

(9)
Quem *duas vezes molesta* o Pérola
Verde, é um *encanto* de homem! — 1, 2.

Lérias.

(10)
Grande *animal!* V. foi o *único* que
não ofereceu à *mulher* um *presente!*
— 1, 1, 2.

Otter.

Sincopadas

(Ao Olegna, continuando a sua novíssima do n.º 20)

(11)
3 — ...e depois, lá na *terra*, teem
que arranjar mais *dinheiro*. — 2.

Bisnau.

Maçadas geográficas

Formar o nome duma terra portu-
guesa, com as letras da seguinte frase:

(12)
E... OH! SNR! FUI VISIGODO

Quim Mosquito.

(13)
PENEIRA DE RIBA

Tripeiro.

(Ao distinto charadista Rei do Orco)

(14)
REI DO ORCO GRITA:
DEUS AFIGE...

Sepol.

Tipográficos

(15)

AVE
NOTA

Serigaita.

(16)

I
I
I
I
BIO

Otter.

Provérbio a adivinhar

(17)
Certa ocasião em Leça
O meu amigo Tomaz,
Que não há quem não conheça
Como excelente rapaz.

Entrou e mais o Maneca
Em uma espécie de tasco,
Mandou vir uma caneca
Das grandes, do bom verdasco!

Mas ali num quarto estreito,
O Tomaz notou que havia,
Discussão a seu respeito,
E alguém dêle mal dizia.

Ouviu que era censurado
Qual o motivo não soube...
Diz-lhe o Maneca do lado:
«.....»

Otopavlis.

Concurso do papel rasgado

1.ª CARTA

Minha querida ...

Recebi o seu ...
luz admirável. Obrigado. Bem
do seu corpo não saísse ...
dade reside às vezes num ...

Amanhã se ...
norta. Beijo as nontas dos ...
Dr. Knox.

Nome

Morada

Palavras certas

(Cortar por aqui)

Ai tem os nossos amigos a metade da primeira carta rasgada. Para concorrer, é necessário apenas que o candidato, faça a outra metade da carta a seu bel-prazer. São **25 as palavras que lhe faltam** e é esse número que o concorrente terá que respeitar. Uma vez escrito neste mesmo papel ou noutra qualquer que lhe seja colado, é preciso recortar êsse bocado de cima e mandá-lo para a nossa redacção, onde poderá dar entrada até à próxima sexta-feira.

Damos em seguida a razão e o plano do

CONCURSO DO PAPEL RASGADO

e que consiste no seguinte:

Há dias, uma menina muito das relações do nosso **Dr. Knox**, zangou-se com êle e mandou-lhe as cartas e o retrato. Eram **cinco** êsses preciosos documentos que o nosso director recebeu num momento alucinado. Desta alucinação resultou que as cartas foram parar ao cesto dos papéis, rasgadas precisamente pelo meio. Horas depois, **Dr. Knox** arrependido e triste, desatou a procurar las novamente. Mas de tôdas elas só encontrou metade de cada uma, porque as outras metades guardava-as o **Zé de Artimanha**, não sabe bem porquê.

Lavra, por isso um grande descontentamento entre os nossos dois directores que resolveram entre si trazer a questão a público, para o público resolver.

Dr. Knox, portanto, publicará durante **cinco semanas** a fotografia das metades que tem em seu poder, e pede aos concorrentes o favor de completarem o que falta dessa carta semanal.

O corte foi feito com tal maestria que seguido o testemunho do **Artimanha** faltam precisamente **25 palavras** em cada carta rasgada, ou seja no total, **125 palavras**.

É claro que será compensado o esforço do público; e assim aos concorrentes que conseguirem acertar **com 100 palavras iguais** às que estão nas metades do **Zé de Artimanha**, serão distribuídos **5 prémios de 100 escudos** cada. E entre os que atuarem com mais de **75 palavras**, **10 prémios de 20 escudos** cada.

Também os que só igualarem **50 palavras**, terão **30 prémios de dez escudos** cada. Na seguinte semana será publicada a metade da carta referente à semana anterior. A pontuação não se conta, mas contam-se as palavras emendadas.

É um **concurso alegre, instrutivo e remunerador**.

Vamos, portanto para o

CONCURSO DO PAPEL RASGADO

Visado pela Comissão de Censura